



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

LUCIANA SILVEIRA DOS SANTOS

**UM ARQUÉTIPO CRISTÃO FEMININO EM *AS PUPILAS DO SENHOR REITOR*,
DE JÚLIO DINIS**

Mossoró
2021

LUCIANA SILVEIRA DOS SANTOS

**UM ARQUÉTIPO CRISTÃO FEMININO *EM AS PUPILAS DO SENHOR REITOR,*
DE JÚLIO DINIS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: prof. Ma. Ana Maria Remígio Osterne

Mossoró
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S237a

Santos, Luciana Silveira dos

Um arquétipo cristão feminino em as Pupilas do Senhor Reitor, de Júlio Dinis. / Luciana Silveira dos Santos. - Mossoró-RN UERN-Campus Central, 2021.

34p.

Orientador (a): Profa. M^a. Ana Maria Remígio Osterne.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. O Simbólico em As Pupilas do Senhor Reitor. I. Osterne, Ana Maria Remígio. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

LUCIANA SILVEIRA DOS SANTOS

**UM ARQUÉTIPO CRISTÃO FEMININO EM AS PUPILAS DO SENHOR REITOR,
DE JÚLIO DINIS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Ma. Ana Maria Remígio Osterne - UERN
Orientadora

Prof. Me. Pe. Antônio Ronaldo Vieira Nogueira - FCF
Examinador

Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva- UERN
Examinador

Dedico a minha família e à minha orientadora, Ana Remígio.

AGRADECIMENTO

Meu primeiro agradecimento à professora e orientadora Ana Remígio, que me acolhe e orienta já desde a disciplina de Literatura Portuguesa. A essa grande Mestra minha gratidão pelos ensinamentos, paciência e constantes estímulos. Agradeço com profunda sinceridade, suas conversas que, de várias formas, me levaram a reflexões sobre este trabalho e que vieram, em muito, contribuir em todo seu processo de elaboração. Meus sinceros agradecimentos a Marcos Vinícius, que também contribuiu, em muito, para a minha pesquisa. Suas aulas foram de grande valia na minha jornada investigativa. E, não menos importante, ao padre Antônio Ronaldo por aceitar compor a banca. O Destino coroou minha pesquisa com a presença de um padre que tem o mesmo nome do senhor Reitor, um importante personagem do romance aqui estudado.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica, cada um a sua maneira, trouxe conhecimentos que contribuíram para meu desenvolvimento. E, aos meus amigos, os que me ajudaram e os que eu tive o privilégio de ajudar, foram peças fundamentais na minha longa trajetória. A Universidade e a Faculdade de Letras tornaram-se minha segunda casa, as pessoas que as compõem, a continuidade da minha família.

“O símbolo dá o que pensar. Isso significa que o conhecimento simbólico só pode ser entendido como a conjunção entre a imaginação que dá o símbolo e uma razão que o pensa e interpreta”
(BARRETO, 2008, p. 84).

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso, que consiste na investigação do perfil virtuoso da personagem Margarida, protagonista do romance **As Pupilas do Senhor Reitor**, que se apresenta como um arquétipo cristão de mulher virtuosa, com o objetivo de revelar, analisar e interpretar o arquétipo do Bem na personagem, a partir do imaginário Cristão. Para alcançá-lo, aprofundamos o estudo sobre a Teoria do Imaginário, com Marco Heleno Barreto (2008). Também buscamos aporte sobre a hermenêutica do simbólico, com o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier & Gheerbrant (1998) e de Tresidder (2003). Sobre a Teoria da Literatura relacionada à construção da personagem, contamos com os textos de Candido (2004). A pesquisa bibliográfica complementou-se com textos de Massaud Moisés (2008, 2013) e Saraiva (1968), que nos deram suporte quanto à análise da prosa e da literatura portuguesa. Otto Maria Carpeaux (2002) nos auxiliou quanto à prosa e à ficção do Romantismo. Outros autores, ainda que em menor destaque, também apoiaram nossa investigação e nossos argumentos. Dessa forma, pudemos compreender que o discurso de Júlio Dinis está pautado sob as virtudes cristãs, as quais revelam o arquétipo do Bem na protagonista. De toda a simbologia investigada, a mais emblemática é a pérola, que em toda a sua imagética simbólica mostrou-se a própria Margarida, uma metáfora das virtudes cristãs.

Palavras-chave: Arquétipo cristão. Margarida. Pérola. Virtudes. *As Pupilas do Senhor Reitor*.

ABSTRACT

This final paper consists of the investigation of Margarida's virtuous profile, protagonist of the novel **As Pupilas do Senhor Reitor**, as being a Christian archetype of a virtuous woman, in order to reveal, analyze and interpret the good archetype on the character from the Christian imagery. To do so, we went deeper into the study about imagery theory with Marco Heleno Barreto (2008). We also sought contribution on symbolic hermeneutics, with the Dictionary of Symbols by Chevalier & Gheerbrant (1998) and Tresidder (2003). About the Literature Theory related to character building, we based on the texts by Candido (2004). The bibliographic research was complemented with texts by Massaud Moisés (2008, 2013) and Saraiva (1968) that supported us on the analysis of Portuguese prose and literature. Otto Maria Carpeaux (2002) helped us on the Romanticism prose and fiction. Other authors, although in a less prominent way, also supported our investigation and arguments. Thus, we could understand that Júlio Dinis's speech is guided by Christian virtues, which reveals the archetype of good on the protagonist. Of all the investigated symbology, the most emblematic one is the pearl that in all its symbolic imagery showed to Margarida herself, a metaphor of Christian virtues.

Keywords: Christian archetype. Margarida. Pearl. Virtues. **As Pupilas do Senhor Reitor.**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ROMANTISMO E IMAGINÁRIO.....	12
2.1	O Romantismo em Portugal.....	13
2.1.1	A recatada e edificante prosa de Júlio Dinis.....	14
2.2	O Imaginário romântico.....	15
2.2.1	O idealizado amor romântico.....	17
2.2.2	O Bem e o Mal – arquétipos cristãos.....	18
3	MARGARIDA – UMA FLOR CRISTÃ.....	19
3.1	O Imaginário cristão na configuração da prosa dinisiana.....	22
3.2	Margarida- Um arquétipo cristão do Bem.....	23
3.2.1	Uma pérola dinisiana.....	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o romance **As Pupilas do Senhor Reitor**, do ficcionista Júlio Dinis. A motivação no tema-objeto consiste na investigação do perfil virtuoso da personagem Margarida, que se apresenta como um arquétipo cristão de mulher virtuosa, tendo em vista que a escrita dinisiana nos apresenta a protagonista do romance como um modelo angelical, altruísta, capaz de sacrifícios em nome do amor, despertando admiração naqueles que a conhecem. Mas, não se trata apenas do amor romântico, pois o amor encontrado em Margarida transcende o modelo romântico feminino, idealizado por um homem, preenchendo-lhe a necessidade egocêntrica de alguém que viva apenas para a completude, em uma relação a dois. A jovem pastora é pupila de um homem religioso e esse também é um dos detalhes que nos levam a perceber que ela mostra uma vocação para ajudar àqueles que necessitam. Essas virtudes aparentes na configuração da personagem conduzem nossa pesquisa.

Estudar a configuração da personagem merece destaque porque gera conhecimentos que nos direcionam na percepção de alguns aspectos, dentre eles o árduo trabalho que um escritor desempenha no processo criativo. A construção de uma trama pode não parecer algo muito complexo, mas fazê-la de maneira que cada elemento embase o outro e que estes se entrelacem, de maneira bem-composta, é uma tarefa consideravelmente difícil. Apesar de a narrativa apresentar uma estrutura que parece simples, certamente não é, pois, para que cada detalhe esteja entrelaçado de forma harmoniosa, faz-se necessário muito estudo e, principalmente, intensa dedicação ao trabalho de criação. Osman Lins (1974, p. 15), em sua autobiografia intelectual, cita Valéry para elucidar o processo criativo: “[é] um conjunto de operações no sentido matemático da palavra; mas essas fórmulas abstratas se revelam carregadas de um sentido humano [...]” – não é mágica, nem inspiração das Musas. A partir de estudos como este, aqui proposto, o talento de ficcionistas como Júlio Dinis pode ser contemplado, pois apenas com a leitura de fruição isso não seria possível.

Esta pesquisa surgiu de um artigo apresentado à disciplina de Literatura Portuguesa II. Inicialmente, a hipótese de leitura estava voltada a verificar se havia uma ligação entre o nome da protagonista (Margarida) com o seu perfil virtuoso, mas apenas tal critério não seria suficiente para a construção de um trabalho de

conclusão de curso. Portanto, foi preciso ampliar a Hipótese de Leitura, voltando à atenção para o estudo do arquétipo cristão da personagem, que oferece suporte adequado para o nosso estudo comparatista.

O objetivo geral é revelar, analisar e interpretar o arquétipo do Bem na personagem Margarida, a partir do imaginário Cristão. Para alcançá-lo, aprofundamos o estudo sobre a teoria do imaginário, com Marco Heleno Barreto (2008). Também buscamos aporte sobre a hermenêutica do simbólico, com o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier & Gheerbrant (1998). Sobre a Teoria da Literatura relacionada à construção da personagem, contamos com os textos de Candido (2004). A pesquisa bibliográfica complementou-se com textos de Massaud Moisés (2008, 2013) e Saraiva (1968), que nos deram suporte quanto à análise da prosa e da literatura portuguesas. Otto Maria Carpeaux (2002) nos auxiliou quanto à prosa e à ficção do Romantismo. Outros autores, ainda que em menor destaque, também apoiaram nossa investigação e nossos argumentos.

Analisamos, na narrativa, o elemento personagem, mostramos como ele configurou-se, assim como os elementos simbólicos que foram encontrados imbricados no nome da protagonista e no enredo, os quais se mostraram estar diretamente ligados ao seu arquétipo das virtudes cristãs.

Compreender a teoria do imaginário é necessário para podermos mostrar como está construída a personagem, dentro do pensamento cristão. O suporte hermenêutico sobre o simbólico nos embasou nessa interpretação, provando e/ou reafirmando o imaginário cristão na personagem. Para tanto, aplicamos o estudo da teoria do personagem, na análise do recorte estudado, no intuito de mostrar que tanto a personagem quanto elementos do enredo confirmam nossa hipótese.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro consiste na introdução, o segundo aborda as características do Romantismo, o Romantismo em Portugal, localizando Júlio Dinis neste contexto literário, apresentando detalhes sobre a escrita dinisiana, englobando o imaginário romântico, mostrando como se configuram o amor romântico e os arquétipos do Bem e do Mal. O conceito de Imaginário, que revela como acontece a construção de arquétipos. O último capítulo refere-se à análise da personagem, mostrando como está construído o arquétipo cristão na protagonista do romance.

2 ROMANTISMO E IMAGINÁRIO

Conforme Benedito Nunes (2002, p. 52), articulando-se entre o final do século XVIII até meados do século XIX, a visão romântica do mundo desenvolveu-se a partir de mudanças estruturais da sociedade europeia, simultâneo ao surgimento do Capitalismo. O contexto sócio-histórico e cultural da época favoreceu a “ascendência da forma conflitiva de sensibilidade enquanto comportamento espiritual definido. São largamente sintomáticas as ideias diretrizes, a escala de valores e as tendências preponderantes, que assinalam o teor idealista da visão romântica” (NUNES, 2002, p. 52). O caráter romântico compõe um imaginário, nele se destacam a idealização da mulher, do amor e da busca pela alma gêmea, no sentido de completude.

Segundo Carpeaux (2002, p. 161) o gênero preferido dos românticos é o conto de fadas, que está configurado na narrativa **As Pupilas do Senhor Reitor**, onde o narrador apresenta Margarida como órfã maltratada pela madrasta e, assim como acontece nos contos de fadas, o Bem triunfa no final. É nítida a intertextualidade com o conto d’**A Gata Borralheira** (na concepção dos irmãos Grimm), ou **Cinderela** (para Charles Perrault).

Com relação à criação e aos símbolos, Marco Heleno Barreto (2008, p. 13) esclarece que o homem deveria ser definido como um animal simbólico e não racional. Conforme o autor, adotando a perspectiva do filósofo Ernst Cassirer, “toda manifestação simbólica e/ou cultural, enquanto construção tipicamente humana supõe uma força espiritual peculiar que a faça aparecer. Tal força [...] é a imaginação” (BARRETO, 2008, p. 14). Como exemplo da teoria aristotélica do conhecimento “não se pensa sem imagens” (BARRETO, 2008, p. 27). Pode-se dizer que, na teoria kantiana do conhecimento, encontramos exemplo do reconhecimento da função imprescindível da imaginação na construção do conhecimento (BARRETO, 2008, p. 28). Dessa forma, o autor lembra que, para Ricoeur, “o símbolo dá o que pensar. Isso significa que o conhecimento simbólico só pode ser entendido como a conjunção entre a imaginação que dá o símbolo e uma razão que o pensa e interpreta” (BARRETO, 2008, p. 34). Esse conhecimento é pertencente ao campo da Hermenêutica dos Símbolos.

Conhecer a teoria do imaginário faz-se necessário para que possamos compreender como está construído o imaginário cristão na narrativa dinisiana. A

construção do arquétipo do Bem foi observada na estruturação de Margarida, pupila de um padre, figura que é referencial no Cristianismo.

2.1 O Romantismo em Portugal

O termo **romântico** é frequentemente utilizado e associado a um conjunto de certos valores, como ser gentil com a pessoa amada e enviar flores. Mas esse tipo de romantismo é distinto do Romantismo na arte, a estética romântica. Apesar deste também estar relacionado aos sentimentos, vai mais além.

O estabelecimento do Romantismo em Portugal deu-se completamente após a sucessão de D. João VI (MOISÉS, 2013, p. 184), desenvolvendo-se em três fases, impulsionado por Herculano e Garrett. Conforme o autor, o primeiro momento configurou-se como uma transição entre Neoclassicismo e o Romantismo. Sendo assim, os autores citados revelavam, em suas escritas, características neoclássicas junto dos ideais subjetivos e idealizadores românticos.

A segunda geração romântica foi marcada pela literatura de regeneração, que, conforme Saraiva (1968, p.135), possibilitou a doutrinação socialista e republicana, uma literatura de protesto social. Neste momento, elementos pitorescos e mórbidos foram tratados com maior intensidade, sendo destacados como principais representantes João de Deus e Camilo Castelo Branco.

Por volta das últimas décadas do século XIX, o contexto social e filosófico foi palco de reações “contra os mitos e as ilusões da mentalidade romântica, especialmente contra certo falso idealismo e o embelezamento fantasista da realidade” (SARAIVA, 1968, p. 147). Aos poucos, o período deu lugar às novas ideologias do Realismo. Portugal foi afetado diretamente por esse cenário de transformações. Diante desse contexto social, a **terceira fase** representou a transição do período romântico para o **Realismo**. Desta forma, caracterizou-se pelo “agoniando ideal romântico e o despontar das novas correntes ideológicas de origem francesa”, além do “tardio florescimento literário [...] em fusão com remanescentes do Ultra-Romantismo bruxuleante” (MOISÉS, 2013, p. 207). Para o autor, seus representantes aqui revelam influências diferentes de escrita: ora extremamente romântica, ora tradicional, podendo citar Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Faustino Xavier de Novais e Júlio Dinis, autor do romance de nossa análise.

2.1.1 A recatada e edificante prosa de Júlio Dinis

Segundo Moisés (2008, p. 215), Júlio Dinis cultivou o teatro, a crítica literária, a poesia, o conto e, especialmente, o romance, que guarda interesse para além do seu tempo. Para o autor, seus romances são armados sobre uma tese moral e teleológica, na medida em que pressupõe uma melhora para a espécie humana. Para corporificar suas ideias nos romances, o ficcionista utiliza estruturas lineares romanescas, trazendo uma reportagem social embasada em uma linguagem de imediata comunicabilidade, coerente, lírica e diáfana. Contrariamente a Camilo, Júlio Dinis considera a heroína como **mulher anjo** ou **samaritana**, “plena de **virtudes** e capaz de recuperar, com a sua mansuetude, o mais empedernido dos homens da cidade” (MOISÉS, 2008, p. 215).

Júlio Dinis revela-se um ficcionista essencialmente mais preocupado com o que vê do que com o que imagina quando coloca em sua escrita um vigor e uma simpatia de quem conhece com intimidade as paisagens, os personagens e os costumes burgueses de seu tempo, operando como um realista ainda enquadrado no espírito romântico. Os dados são extraídos da realidade viva, observada diretamente, mas sua tese é ainda romântica, o que o coloca entre as duas estéticas, mostrando-se como um precursor do Realismo (MOISÉS, 2008, p. 216-217).

Sua escrita mais significativa está em **As Pupilas do Senhor Reitor** e **A Morgadinha dos Canaviais**, nas quais foram concentradas suas peculiaridades humanas estéticas. Os aspectos de conteúdo de suas obras não envelhecem, com lirismo comovido e uma autêntica vocação de romancista. Tais características são razão suficiente para afirmar que Júlio Dinis e Camilo são dois grandes ficcionistas portugueses românticos, colaborando para a criação da melhor ficção portuguesa do Romantismo (MOISÉS, 2008, p. 217).

Segundo Rosa Margarida Pinto Leite (2010, p. 39), o romance dinisiano gira em torno do amor, as figuras mais evidentes são femininas e é por intermédio delas que acontecem as intervenções, por mais difíceis que sejam. Júlio Dinis atribui às figuras femininas um papel de grande importância social: suas protagonistas são cultas, personagens-modelo que influenciam nas mudanças dos demais personagens. Como exemplo disso, Margarida, em **As Pupilas do Senhor Reitor**, conquista a admiração e o respeito de todos devido à sua virtuosidade. Para a

autora, suas personagens são excepcionais por serem detentoras de qualidades morais, psicológicas e intelectuais, visto que a escrita dinisiana assume a natureza pedagógica e moralizadora, já de caráter realista. Suas personagens caracterizam-se não apenas pela beleza física, mas também pela beleza moral, são qualidades morais, psicológico-afetivas e intelectuais que permitem que sejam as mulheres dinisianas eficazes produtoras do bem (LEITE, 2010, p. 53).

A moralização social e de costumes é outra marca do espírito romântico na obra de Júlio Dinis, mostrando uma espécie de apologia à vida em contato com uma natureza idílica e bucólica, são esses ares rurais que irão trazer uma melhora ao personagem Daniel (LEITE, 2010, p. 54-58).

Ainda segundo Rosa Leite, o próprio escritor Júlio Dinis declara que um texto literário pode servir a dois propósitos, eles podem ser monumentos e instrumentos, ambos são importantes, mas o livro instrumento era a base do livro monumento, considerando o romance como a forma literária para o livro-instrumento. Ainda se refere ao caráter de suas personagens como não sendo indivíduos intrinsecamente maus, esclarecendo que se deleita em conceber um caráter com que simpatize.

2.2 O Imaginário romântico

Segundo Moisés (2008, p.164), a introdução do Romantismo em Portugal acontece com Almeida Garrett, quando publica o longo poema narrativo “Camões”. Em sua escrita há a construção de um imaginário, que instituiu a criação de modelos, arquétipos, principalmente do amor, e arquétipos do Bem e do Mal. De fato, o amor era o eixo, trazendo a idealização da figura feminina, a mulher idealizada pelo ser amado.

A ficção dinisiana é construída a partir de arquétipos cristãos. Arquétipos são elementos essenciais para entendermos o que é o imaginário, pois são imagens primordiais para o ser humano. Para Regis Boyer (1997, p. 91), “o arquétipo é o tipo supremo, o absoluto, a perfeição, que escapa a todo acidental porque vai direto ao essencial, seja qual for o domínio – religioso, mítico ou fictício – onde queiramos captá-lo”. A imagem arquetípica refere-se a uma ideia primeira. Para Carl Jung (2000, p. 54, grifos do autor), arquétipos são conteúdos que pertencem ao inconsciente coletivo:

Arquétipo significa “*typos*” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caráter arcaico que, em forma e significado, encerra **motivos mitológicos**, os quais surgem em forma pura nos contos de fada, nos mitos, nas lendas e no folclore.

Nesta análise, observamos os arquétipos cristãos (ou judaico-cristãos, caso estejam presentes no Antigo Testamento) que emergem dos textos bíblicos, aqui tratados, portanto, como base mítica. Os arquétipos mais presentes no Cristianismo são os do Bem e do Mal. Com relação ao primeiro modelo, a Bíblia relata que, para herdar o Reino dos Céus é necessário fazer o bem, dessa forma, encontrando a alma sua salvação. O livro cristão mostra modelos de virtudes. Um deles é Maria, mãe de Jesus, e esse exemplo de mulher virtuosa é explorado na prosa de ficção romântica, encontrada na narrativa dinisiana. Júlio Dinis utilizou sua escrita como meio de transmitir valores culturais e religiosos, assim como o escritor de **Psychomachia**, Aurélio Prudêncio.

Observemos o que diz Ana Gonçalves (2013, p. 8, 11, 17) com relação à escrita de **Psychomachia**, no quarto século D.C, no qual Aurélio Prudêncio Clemente apropriou-se de algumas características comuns ao gênero épico, produzindo uma epopeia, onde vícios e virtudes, antropomorfizados, se digladiam pelo domínio da alma humana. Torna-se interessante verificar como este autor seleciona algumas características do épico para gerar uma obra cristã, de caráter proselitista.

No épico **Psychomachia**, o autor procura salientar os benefícios da conversão ao modo de vida cristãos, utilizando os cânones escritos como base para mostrar os bons e maus exemplos encontrados nos combates e atos heroicos, presentes nesses épicos. Por tal motivo, a obra prudentina torna-se um bom exemplo para compreendermos como os escritores convertidos ao cristianismo utilizaram as formas literárias pagãs, colocando a própria retórica pagã a serviço do ideário cristão. Em suma, com base nos cânones da retórica pagã, a obra prudentina tenta encorajar o leitor a agir de acordo com as Virtudes cristãs.

Pelo que podemos observar, a narrativa dinisiana apresenta tais características citadas na obra prudentina, visto que sua protagonista representa o papel das virtudes, enquanto seu par romântico, Daniel, mostra-se oposto a elas, pois o jovem havia sido corrompido pelos hábitos urbanos, adquiridos na cidade do Porto, onde foi fazer seus estudos universitários. O escritor utiliza sua protagonista

para que os demais personagens se espelhem nela, já que seu perfil é rico em virtudes.

Para melhor compreensão do jogo de oposição presente no romance de Júlio Dinis, podemos observar as características que compõem cada personagem, que funcionam em oposições simétricas, visto que as diferenças entre o casal trazem harmonia à narrativa. Primeiramente, Daniel é o que se pode chamar de Don Juan volúvel e irresponsável. Nele estão personificados os vícios. Ao contrário, Margarida é a personificação das virtudes, pois a moça é repleta de maturidade, força, sensatez e bondade, e identifica-se com o arquétipo de mártir, pois se sacrifica em favor dos necessitados. Através dos atos generosos de Margarida ocorre a conversão da sua madrasta e de Daniel. O jovem médico arrepende-se de seus erros e dedica-se a redimi-los perante todos. Estes aspectos constituirão objeto de nossa análise, no próximo capítulo.

2.2.1 O idealizado amor romântico

Para Anthony Giddens (1993, p. 50-51), na Europa, os ideais do amor estavam relacionados aos valores morais da cristandade. A partir do final do século XVIII, o amor romântico começa a deixar sua marca, nas suas ligações o amor sublime predomina sobre a paixão carnal ou ardor sexual. Na sua concepção, há uma ruptura com a sexualidade, embora a abarque; a virtude deixa de significar apenas inocência, mas qualidades de caráter, que evidencia a outra pessoa como especial.

No Romantismo é característica forte a idealização do amor, a busca pela alma gêmea que irá trazer a completude ao ser, aproximando-se do pensamento mítico do andrógino. Segundo Junito de Souza Brandão (1991, p. 64-65), andrógino era um gênero distinto, constituído simultaneamente do masculino e do feminino. A narrativa mítica conta que Zeus resolveu cortá-lo em duas partes, fazendo-o carente, assim cada uma das metades pôs-se a buscar a outra contrária, na ânsia de reunir-se para sempre. Essa procura remete à afirmação de Giddens (1993, p. 57) com relação à busca ser característica do amor romântico.

Esse amor romântico também pode representar a salvação daqueles que têm uma existência conturbada, como acontece no romance **Amor de Salvação**, de Camilo Castelo Branco. O autor enaltece, nesta obra, o caráter salvador do amor,

retratando um drama vivido por Afonso, que após ser traído pelo seu grande amor, abandona Teodora e vai para Paris em busca de um amor que o salve da amargura que é a sua vida. Após ficar sem dinheiro, afunda-se no álcool e planeja suicídio, somente ao aceitar o conselho do padre para casar-se com Mafalda é que sua história ganha alegria. Mafalda presenteou-lhe com o “amor de salvação”. Como acontece naquele romance, Júlio Dinis também constrói no amor um caráter redentor, visto que o Bem, personificado em Margarida, proporciona a redenção tanto de sua madrasta quanto de Daniel, seu par romântico. Não apenas o amor romântico é encontrado em **As pupilas do Senhor Reitor**, mas também é possível encontrar o amor em sua expressão maior, o amor Ágape.

Referente ao emblema do amor, podemos falar sobre o termo Ágape. Para Marie-Dominique Philippe (1998, p. 76), o termo aparece no Novo Testamento 117 vezes, sendo um “termo particular do qual se serve o Espírito Santo através do Novo Testamento, para nos fazer compreender qual é este amor entre Cristo e nós, entre o Pai e nós”. Iremos tentar mostrar sua dimensão divina. Para o filósofo e teólogo, trata-se de uma força, que leva a doar-se no esquecimento total de si, sendo, pois, um amor fundamental que implica em respeito e generosidade. “Esse termo exprime o mistério da graça ligada à caridade” (PHILIPPE, 1998, p. 80).

2.2.2 O Bem e o Mal - arquétipos cristãos

No romance dinisiano, não há a construção de indivíduos intrinsecamente maus, porém percebe-se neles virtudes e defeitos, mas que são complementares, trazendo harmonia a este jogo de oposição.

De acordo com Jean Jacques Wunenburger (2007, p. 26), a imaginação produz representações simbólicas. Portanto, a partir da presença das virtudes podemos perceber a imagem do Bem em Margarida, por outro prisma, os pecados representam o Mal, personificado em seu par romântico, ambos são a representação dessas forças abstratas no romance. O imaginário simbólico é inseparável de práticas religiosas, pois guia a imaginação para o sagrado, revelando a realidade sagrada. (WUNENBURGER, 2007, p. 34)

Conforme Maria Celina Nasser (2003, p. 75) cada cultura constrói as suas próprias representações de certo e errado, as que representam o Bem e o Mal. Para a autora, as trevas representam a ausência do conhecimento superior, felicidade e

vida espiritual. Em oposição às trevas está a luz, luz da razão, luz interior, ir ao encontro da luz, muitas são as metáforas, e quase todas remetem à vida, à visão e ao conhecimento. A luz simboliza benevolência, conhecimento, espiritualidade, divindades, nascimento e renascimento. Os raios de luz podem simbolizar a docilidade e o caminho a seguir (NASSER, 2003, p. 76, 78-79). Pensando nisso, percebemos que trevas e luz estão personificadas nos tipos humanos do romance, especialmente em Margarida e Daniel. As virtudes, ou a luz, em Margarida, operam em Daniel uma mudança positiva, resgatando-o da obscuridade de seu mau comportamento.

A jovem Margarida é introspectiva, reservada e sensata; já Daniel é um jovem irresponsável, considerado um Dom Juan, um sedutor, que grita o “triunfo daquele que pode acrescentar à sua lista mais uma prova da leviandade das mulheres” (BRUNEL, 1997, p.257). Neste sentido, Margarida toma o papel do Bem na narrativa, sua luz dissipa as trevas em Daniel, fazendo com que o Bem vença o Mal, que é representado no rapaz pela conduta errada perante a sociedade, e principalmente, perante a seu amor de infância, a própria Guida.

Tais características estão relacionadas com os tipos de mulher e de amor, sendo Margarida a mulher virtuosa capaz de sacrifícios em nome do amor. Para a sociedade portuguesa da época, Margarida seria o modelo mais apropriado de mulher para o casamento, pois concentrava beleza, virtudes e recato, necessários para compor o papel de boa esposa. No Livro da Sabedoria (8, 7), Salomão fala da escolha de uma esposa, dizendo que as virtudes são seus frutos (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1118). Dessa maneira, a oposição existente entre o casal seria o ponto de ajuste necessário para que eles fossem complementares, um do outro, visto que o amor romântico busca a sua metade, aquela que trará completude.

Portanto, o Bem redimiria o Mal através de seus bons exemplos, o que acontece com o par romântico. Quando Margarida resgata o jovem médico Daniel, ele passa a ter uma conduta íntegra, persuadido pelo modelo virtuoso da jovem.

3. MARGARIDA – UMA FLOR CRISTÃ

As Pupilas do Senhor Reitor é o nosso objeto de estudo, analisando em Margarida, a imagem das virtudes cristãs.

Júlio Dinis enquadra-se na afirmação de Candido (2004, p.62), quando diz que “o romancista de ‘costumes’ vê o homem pelo seu comportamento em sociedade, pelo tecido de suas relações e pela visão normal que temos do próximo”. As personagens dinisianas são identificadas com modelos da vida real (um aspecto mimético), lembrando as considerações de Anatol Rosenfeld (2004, p. 33): “[...] a personagem de um romance [...] é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como psíquico, embora *formaliter* seja projetada como um indivíduo ‘real’, totalmente determinado”.

Em Margarida podemos observar a personificação de uma beata, aquela que esbanja virtudes, sendo vista na sociedade como modelo. Assim como Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis arma sua ficção romântica em torno de alguns equívocos que se resolvem, culminando em um casamento, para a felicidade de todos. Mas, como se imprime em Margarida o arquétipo cristão? Essa pergunta nos direciona ao termo *Ágape*, que é matéria-prima na configuração cristã dessa protagonista.

O *Ágape* representa o dom primordial pelo qual são transformadas as pessoas a partir do amor de Deus, sendo um amor de caridade. Apresenta-se como o ápice do amor, tornando perfeitos aqueles que o exercem, uma perfeição manifestada até pelo amor aos inimigos (PHILIPPE, 1998, p. 84). Margarida é a personificação do caráter *Ágape*, sendo a boa samaritana do romance, ela é a personagem-modelo que traz à narrativa a marca moralizadora dinisiana. Não é à toa que Júlio Dinis utiliza figuras femininas como suas heroínas, pois elas são detentoras de delicadeza e coragem. A coragem de Margarida a faz capaz de atos abnegados.

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos (João 15, 13). Todo Dom verdadeiro não implica certo sacrifício? O verdadeiro dom, com efeito, não pode se realizar a não ser em um completo ultrapassar e esquecimento de si, e isto necessita um sacrifício (PHILIPPE, 1998, p. 89).

A protagonista é capaz de sacrificar a própria reputação pelo futuro de Clara, quando toma o lugar de sua irmã no encontro furtivo com Daniel. Margarida cai aos pés de Pedro como única culpada, evitando que Clara seja flagrada por seu noivo,

dessa maneira, Guida vê manchada sua reputação: “perdeste-te para me salvar. Limpaste com os teus vestidos a lama dos meus, para me apresentares pura aos olhos do meu noivo, que com razão me supunha culpada” (DINIS, 1994, p.206).

No romance, ela aparece descrita com aspecto transcendente quando orava, transparecendo ares de santa: “A dor, a compaixão, a fé pareciam transfigurar o melancólico vulto de Margarida; dar vida àquelas feições de ordinário serenas” [...] (DINIS, 1994, p. 248). Daniel a observava: sua imagem remete a algo mais elevado espiritualmente “Como que um raio de luz divina descia então sobre aquela beleza, que a luz da terra iluminava mal” (DINIS, 1994, p. 248).

Margarida, através de seus méritos, ganha uma dimensão celestial, fazendo com que Daniel a admire, e perceba sua essência pura: “Sentia-se de joelhar diante dela; a alma toda ia nesta contemplação, quase extática. Nunca mais se apagava da memória a imagem da simpática rapariga, vista uma vez sob tão prestigioso aspecto” (DINIS, 1994, p. 248). A admiração e o respeito fizeram Daniel entrar em conflito consigo mesmo, e mais uma vez, ele revela a imagem angelical de Guida: “Lutando entre a paixão e o respeito, entre o amor que sentia nascer em si, veemente como nunca e um vago enleio de timidez, novo para ele, Daniel não podia tirar os olhos daquela saudosa figura de virgem em oração, que lhe parecia quase sobrenatural” (DINIS, 1994, p. 248). A imagem de Margarida serviu como um bálsamo, suas preces trouxeram alívio ao pobre velho moribundo: “A agonia do velho acalmou, como se por efeito das preces de Margarida” (DINIS, 1994, p. 248). A proximidade com Margarida, com sua conduta virtuosa operou em Daniel uma verdadeira transformação, aqui temos o caráter redentor do amor no romance: “Alguma coisa se passou no meu coração, que me fez outro homem. Acabou o louco sonho de dez anos, que andei sonhando. Despertei ontem” (DINIS, 1994, p. 248).

Segundo Rosenfeld (2004, p. 45) os personagens:

Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos.

Esses aspectos profundos revelaram-se em Daniel em um momento de iluminação, por intermédio do caráter virtuoso de Margarida o jovem médico passa a querer ser merecedor dela, e, para tanto, ele precisa mudar. Assim como aconteceu com a madrasta de Guida, o remorso trouxe-lhe uma mudança positiva. O modelo

virtuoso de Guida é uma força iluminadora que atua na regeneração desses personagens no romance.

Como escritor atuante entre o Romantismo e o Realismo, Júlio Dinis desenha, em sua narrativa, características de ambos os momentos literários. Em **As Pupilas do Senhor Reitor**, a protagonista é moldada com as virtudes cristãs, modelo romântico, mas, apresentando caráter edificante, como apontam Saraiva e Lopes (1979, p. 835): “[...] parece haver o propósito de pregar uma moralização dos costumes pela vida rural e pela influência de um clero convertido ao liberalismo [...]”. O ataque a modos de decomposição social aproxima o texto de um viés realista, no entanto, ao facultar a redenção por meio do amor, dele se afasta. Observa Massaud Moisés (2008, p. 216) que grande parte do prestígio de Dinis “provém desse moralismo sorridente, fleumático e compreensivo”.

A caracterização de Margarida e seu par romântico, Daniel, dá-se tão harmoniosamente, que parece talhada de maneira a identificar-se uma completude: ele é médico do corpo, ela, de almas, visto que sua conduta virtuosa desencadeia em vários personagens uma transformação positiva em seus comportamentos. Portanto, o amor é essencialmente apresentado como uma virtude redentora, e é tal aspecto que torna a protagonista dinisiana um arquétipo a ser estudado.

3.1 O Imaginário cristão na configuração da prosa dinisiana

Podemos perceber que a narrativa dinisiana foi escrita seguindo uma configuração cristã, delegando a um padre a bem-sucedida educação de Margarida. A personificação de preceptor religioso, vivida pelo padre Antônio, também está identificada, em certa medida, em sua pupila, que ensinava parábolas bíblicas às crianças. O próprio reitor admira-se com a capacidade de transmitir o discurso religioso cristão, afirmando que ela o havia superado. Margarida falava sobre perdão, em suas aulas, tema utilizado nas falas de Jesus, a maior referência do Cristianismo. A jovem professora cuidava de seus alunos com devoção, ensinando-lhes, aconselhando-os como se fosse uma mãe.

Há uma relação entre o imaginário cristão e a figura feminina construída na prosa dinisiana. Esse elo aparece em observações feitas por Eduardo Hoornaert (2014, p. 47), que faz uma análise sobre alguns aspectos problemáticos do imaginário católico acerca das mulheres, apresentando duas figuras paradigmáticas:

Maria, mãe de Jesus, e Maria Madalena (Maria Magdala), como sendo construções ideológicas que reforçam o poder vigente na sociedade. Segundo o autor, a devoção a Maria colabora para manter, tanto na família quanto na sociedade, a ordem e a hierarquia (HOORNAERT, 2014, p. 49-50). A partir dessa compreensão política é que se elabora, ao longo do tempo, a iconografia de Maria, que transmite uma mensagem de conformidade, vida regrada, obediência e submissão. Esta imagem aparece em muitos indicadores iconográficos como o cabelo preso ou oculto pelo véu, expressando recato e modéstia, o cinto (controle dos sentimentos) e segura o filho nos braços. Esses são apenas alguns indicadores que são explorados para imprimir em Maria uma imagem de boa mãe, que cuida dos filhos, da casa e do marido. “Maria transporta a família cristã ao mundo sublime do céu” (HOORNAERT, 2014, p. 50). Tal semelhança simbólica é apresentada em Margarida: tanto em sua conduta quanto em sua caracterização estética, esboça a imagem que Nossa Senhora exhibe.

Ainda segundo Hoornaert (2014, p. 51) a imagem cristã de Maria esboça pureza, recato, proteção, recolhimento, refúgio, aconchego e santidade. Esse imaginário cristão aparece na prosa dinisiana quando o ficcionista desenha, em sua personagem (que assume o papel da irmã mais velha; conselheira; mãe, após o falecimento de sua madrasta; assim como professora de crianças), figura do recato, da modéstia, da mãe valorosa que educa seus filhos, do exemplo que a sociedade impunha às mulheres da época.

Para Jean Jacques Wunenburger (2007, p. 29), “a imagem visual enriquece mais o imaginário individual ou coletivo do que os atos e as obras da linguagem”. A caracterização estética da personagem serve para reforçar ideias, os quais o escritor deseja expor. Assim, encontramos não somente no perfil, mas na sua figura de humilde camponesa as marcas culturais e religiosas, para que ela mesma se assemelhe a Maria, o mais emblemático modelo religioso cristão feminino do Bem.

3.2 Margarida – um arquétipo cristão do Bem

Inicialmente, é necessário compreender o conceito de personagem. Segundo Candido (2004, p. 74), a personagem é um ser fictício. Elas podem ser construídas levando em consideração diversos aspectos. É caracterizado como um trabalho criador, em que se combinam a imaginação, a memória e a observação, sob “a

égide das concepções intelectuais e morais”. A natureza da personagem “depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista”. Se ele “está interessado em esboçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece mais significativo”. O trabalho criador de Júlio Dinis manifesta tais ideais, conduzindo-os para revelarem na protagonista as marcas da cultura portuguesa de sua época, expressando valores religiosos.

O Bem e o Mal são forças antagônicas representadas nas religiões. Para Marilena Chaui (1997, p. 304) a divindade judaico-cristã é definida como um Deus perfeito, por excelência é o próprio Bem, enquanto o Mal é o pecado, isto é, a transgressão da lei divina, que foi punida com o surgimento de outros males: morte, doença, dor, fome, sede, frio, tristeza, ódio, ambição, luxúria, gula, preguiça, avareza. O Mal afasta a criatura de Deus, pois esse é a pura ausência do Bem, negatividade e fraqueza. Para a autora, “somos formados pelos costumes de nossa sociedade” (CHAUI, 1997, p. 340). Segundo ela, os comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos e no Cristianismo as duas virtudes cristãs primeiras e condições de todas as outras são a Fé e a Caridade. Tais atributos são encontrados na jovem pastora, sendo a Caridade o mais visível.

Ainda com o pensamento de Chaui (1997, p. 349), quando examinamos as virtudes definidas pelo Cristianismo descobrimos três virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e quatro virtudes cardeais (coragem, justiça, temperança, prudência), além das virtudes morais (sobriedade, prodigalidade, trabalho, castidade, mansidão, generosidade, modéstia). As virtudes teologais e cardeais compõem a personagem Guida, revelando o seu arquétipo cristão.

Quando falamos em arquétipo de virtude, seguramente nos vem à mente a Virgem Maria como exemplo primordial, presente no imaginário, o que ajuda a reconhecer em Margarida um modelo cristão de virtudes. Desta forma, o imaginário cristão está presente na narrativa **As Pupilas do Senhor Reitor**, na medida em que Júlio Dinis apresenta, em sua protagonista, as marcas culturais encontradas em arquétipos que fazem parte da expressão religiosa cristã, pois, conforme Mircea Eliade (1991, p. 172), “As imagens, arquétipos, os símbolos são diversamente vividos e valorizados: o produto dessas múltiplas atualizações constitui em grande parte os estilos culturais”.

A filosofia cristã é marca presente, muito característica em Margarida, sua configuração é talhada no modelo virtuoso. Júlio Dinis, de maneira bem orquestrada, vai cobrindo Margarida com as máscaras das virtudes, construindo a sua imagem heroica de mártir.

Jack Tresidder (2003, p. 362-363) elenca sete virtudes distintas, n’**O grande livro de símbolos**: Caridade, Fé, Fortaleza, Esperança, Justiça, Prudência e Temperança, seguindo, mais de perto, o texto do *Livro da Sabedoria* (8,7): “Ama alguém a justiça? As virtudes são seus frutos; ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza, que são, na vida, os bens mais úteis aos homens.” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1118). Elas foram incorporadas à teologia cristã como virtudes cardeais, que se complementam pelas virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

Para Tresidder (2003, p. 362-363) as virtudes – Caridade, Fé, Fortaleza, Justiça, Prudência e Temperança – são representadas por figuras femininas, que estão visíveis em Margarida, caracterizando a natureza simbólica da personagem como representação do Bem no romance. **O grande livro dos símbolos** relaciona as virtudes da seguinte maneira:

- Caridade - Amor dedicado, a maior das virtudes paulinas, representada na arte ocidental por uma mulher jovem. Configurada na jovem camponesa que oferece seu tempo e dedicação para acolher um necessitado. Margarida chama uma mulher, a quem ela e sua irmã Clara pagam para cuidar de um homem doente: “Com a solicitude de filha, inclinou-se para observar o estado do pobre velho” (DINIS, 1994, p. 244). Guida encontrara este pobre velho que já não tinha nada, estava na miséria:

Era pois um desgraçado. Isto bastava para que, ao seu lado, visse, olhando-o compadecido, o rosto de Margarida [...] O infortúnio chamou, para junto do leito da miséria deste velho desanimado, estas duas mulheres” [...] Com que havia de recompensar a devoção heroica de duas juventudes à velhice empobrecida, quem nada tinha que dar? (DINIS, 1994, p. 56).

De fato, a Caridade é uma atribuição dada a Guida: “O reitor, ficando só, conservou-se por algum tempo pensativo [...] “Aquilo é uma santa. Coração possui ela, mais para a caridade, que não para amores. Paciência!” (DINIS, 1994, p. 42).

- Fé - Virtude cristã personificada na arte cristã por uma mulher com uma cruz, cálice ou vela. Outros símbolos são a cor azul e a criança. Essa virtude é

representada pela espera, pois depois da partida de Daniel para o Porto, Margarida continua a voltar todos os dias para o lugar onde costumava encontrar-se com sua fiel companhia. O narrador descreve a cena: “Margarida subindo todas as tardes ao outeiro silvestre, [...] ela acreditava que Daniel voltaria” (DINIS, 1994, p.42). A jovem apoiava-se na sua fé como alívio para a tristeza trazida pelas lembranças do seu par inseparável de infância, ela esperava incansável a volta de seu grande amigo, companheiro fiel de todas as tardes.

- Fortaleza - Virtude cardeal, representada na arte cristã como uma guerreira a usar nada mais que um elmo e um escudo. Margarida é heroica, uma guerreira que mostra muita força interior ao suportar todas as maldades impostas por sua madrasta, todas as dores e suplícios. Ela mantinha-se firme e nunca questionava sua madrasta, apenas obedecia. Essa postura altiva fez com que sua irmã Clara a admirasse cada dia mais. Clara enxergava em sua irmã mais velha um grande exemplo:

Afável no meio de suas alegrias de infância, compadecia-se já pelo que via sofrer a irmã, e, admirando aquela resignação de mártir, que ela bem se conhecia incapaz de mostrar em ocasião alguma da vida, principiou a olhar para Margarida com certo respeito que, pouco a pouco, degenerou em prestígio e lhe cultivou no coração uma veneração sem limites (DINIS, 1994, p.49).

O trecho faz referência à palavra mártir, uma atribuição dos santos, e, mais uma vez, podemos inferir que Margarida é apresentada como uma força benéfica no romance.

Guida mostra-se um espírito elevado quando foi separada de suas pequenas discípulas, em virtude dos boatos que manchavam sua reputação. Mesmo sendo injustiçada pelas mães de suas alunas, ela mostrou força para compreender a situação que elas passavam. Durante essa injustiça imposta à moça e com todo sofrimento que a atitudes das mães causavam a Margarida, ela foi forte e suportou o peso sobre seus ombros dizendo: “As mães das minhas discípulas quiseram dar-me tempo para o arrependimento e para a penitência. Dispensaram-me dos meus serviços. E eu... aproveitei o conselho, que me deram assim” (DINIS, 1994, p. 239). Então o senhor reitor declara: “Tu estás a obrigar o teu coração a coisas, que não são para corações humanos. Há de acabar por o esmagar. Sabe Deus o que ele padece já!” (DINIS, 1994, p. 239).

A força de Margarida é referenciada em um momento quando seu sacrifício é mencionado por Daniel:

Aqui tem a santa, a corajosa rapariga que...
[...] – O que há de dizer o irmão ingrato e perverso, à irmã sublime e generosa? – Disse ele, fixando em Margarida um olhar de simpatia e de respeito [...] Foi ela a que primeiro sentiu a necessidade de pôr termo a esta situação. Para isso era-lhe preciso um esforço poderoso, enérgico, que rompesse todas as peias daquela timidez, que a enleava. Não a abandonou ainda desta vez a força, com que sabia dominar-se (DINIS, 1994, p. 214).

A sua força é imensa, tanta que ela considera seu sacrifício como algo sem muito valor, ou seja, jamais se vangloria de seus sacrifícios: “Por mim, fiz o que estava no meu alcance. Mas não dê ao sacrifício mais valor, do que o que ele tem. Eu pouco tinha a sacrificar, além da paz da consciência. Essa, já vê que a conservei; o mais...” (DINIS, 1994, p. 214).

Demasiada era a sua fortaleza, sendo evidenciada também quando:

Depois de algum tempo de silêncio, o padre, pousando a mão no ombro de Daniel, disse-lhe afavelmente:
- E por que não pede a essa alma, que admira tanto, um pouco da sua angélica fortaleza? Por que não procura purificar a natureza, demasiado terrena, do seu malfadado coração, na abençoada influência dela? (DINIS, 1994, p. 211).

Neste trecho, é notória a boa influência de Margarida sobre os personagens: o Reitor pede que Daniel se inspire nela, e siga seus exemplos.

- Esperança - Uma das três virtudes cristãs. A jovem Guida ao perceber que o velho doente estava perdendo as esperanças em sua recuperação, diz: “como perdeu assim a esperança? Pois não se lembra de, ainda há dias, combinamos uns passeios, que lhe hão de fazer muito bem? Havemos de ir em breve” (DINIS, 1994, p. 211), nesse trecho, a jovem mostra-se forte, dando Esperança, e novo ânimo ao velho moribundo.

- Prudência - Personificada na arte ocidental como uma mulher com uma serpente ou dragão e carregando um espelho – prudência mais no sentido de Sabedoria que de cuidado. Essa é uma das virtudes que mais se destaca em Margarida, sua prudência está relacionada à sabedoria. A personagem está sempre muito interessada e gosta de estar presente na vida de sua irmã, Clara, aconselhando-a. Ela se mostra agradecida à Margarida por seu cuidado em ajudá-la: “Que és muito boa em não me abandonares, em me dares conselhos, em me

perdoares as minhas doidices” (DINIS, 1994, p.58). A sabedoria também é evidenciada na profissão de professora, ela ensina as crianças do vilarejo.

- Justiça - Virtude cardeal personificada pela confusa figura de uma mulher com os olhos vendados a segurar a balança do julgamento e a espada do poder. Esse sentimento guiava a conduta da jovem pupila.

- Temperança - Virtude cardeal representada na arte medieval Ocidental por uma mulher a verter água de uma jarra para outra. Neste sentido, é a virtude de quem atua com prudência, comedidamente, esse é o modelo Margarida de comportamento.

Somadas a essas sete virtudes encontramos o *Ágape*. Para Philippe (1998, p. 84), é o amor em seu ápice, é o amor de caridade. Segundo o filósofo, esse é o dom verdadeiro que implica em sacrifício. A jovem pastora considera ser muito mais importante a felicidade de sua irmã. Guida afirma: “por mim, fiz o que estava ao meu alcance. Mas não dê ao sacrifício mais valor, do que ele tem. Eu pouco tinha a sacrificar, além da paz da consciência” (DINIS, 1994, p. 214), seu discurso evidencia esse dom primordial, que não pede reconhecimento.

Em outro trecho, o narrador descreve os olhos da protagonista como: “sabiam fixar-se com tanta penetração e bondade, que, só a contemplá-los, esquecia-se tudo mais” (DINIS, 1994, p.61).

Podemos evidenciar o outro lado, oposto às virtudes. Segundo Tomás de Aquino (2004, p. 66-106), em sua doutrina sobre os pecados capitais ou vícios capitais, os enumera da seguinte forma: Vaidade, Avareza, Inveja, Ira, Luxúria, Gula e Acídia. Mas a Igreja Católica utiliza os sinônimos: Soberba (Vaidade) e Acídia (Preguiça) na lista dos vícios capitais, que se relacionam da seguinte maneira:

- Ira – sob o aspecto formal, ela aparece como desejo de vingança.
- Avareza – ligada a ambição, amor ao dinheiro.
- Gula – não corresponde a impureza da comida, mas a do desejo. Portanto, refere-se às paixões.
- Luxúria – são os prazeres sexuais, os que mais dissolvem a alma do homem.
- Vaidade – relacionada à Soberba; refere-se a querer que seus atos sejam conhecidos.
- Inveja – relacionada à fofoca, entristecer-se com a superioridade do outro, querendo seu mal sobre todos os aspectos.

- Acídia – relacionada à preguiça ou a ociosidade.

Margarida é a imagem oposta aos pecados, pois em tudo sua conduta mostra-se virtuosa, conduzindo ao Bem, corroborando seu modelo cristão.

Está evidente que Margarida apresenta um arquétipo do Bem no romance, certamente sua boa conduta mostra o amor que supera o amor romântico, visto que suas demonstrações virtuosas esboçam, claramente, o *Ágape*, de muita evidência nela, e é justamente esse detalhe que transforma Margarida na personagem mais emblemática do romance.

3.2.1 Uma pérola dinisiana

O nome da jovem pastora apresenta-se como força expressiva na caracterização da personagem. Podemos expor aqui o significado, fonte abundante para a *Hermenêutica Simbólica* que vivifica o arquétipo cristão presente na obra, que está reafirmado a cada detalhe observado em seu significado, durante nossa análise.

Margarida é o nome de uma flor do campo, simbolizando a sua simplicidade como humilde pastora. Para Tresidder (2003, p.147), o significado das flores está representado nas cores, odores e qualidades das flores em geral, estes aspectos determinam seu simbolismo. Por exemplo, o lírio branco simboliza a pureza.

Conforme Chevalier & Gueerbrant (1998, p. 437), a flor é caracterizada como símbolo do amor. Realmente, o Amor é um sentimento bastante evidenciado em Margarida, a jovem é capaz de sacrificar-se em nome dele. A flor traz a imagem das virtudes da alma e o ramallete que as reúne traz a imagem da perfeição espiritual. A margarida apresenta-se na cor branca, que é uma soma de todas as cores (CHEVALIER, GUEERBRANT, 1998, p. 141). Neste sentido, a flor campestre chamada de margarida é uma florescência, ou seja, cada pétala sua é considerada uma flor, sendo assim, cada margarida pode ser considerada um buquê. Portanto, a margarida (flor) simboliza esse ramallete, que traz a imagem virtuosa da jovem pastora. A cor branca dessa flor também é outro elemento importante.

Segundo os autores (1998, p.143-144), o branco “é a cor da pureza”, também esclarece a valorização positiva da cor, ligada a fenômenos iniciáticos. O batismo, desde os primeiros tempos do cristianismo, é um rito iniciático chamado de iluminação, significa que o iniciado resplandeceria em uma vida plena e santa.

Inclusive, “o branco é a cor essencial da Sabedoria” e “da teofania (manifestação de Deus)”.

No romance de Júlio Dinis, Margarida é caracterizada por ser uma jovem sensata, autodidata, conselheira de sua irmã caçula, e por seus méritos e maturidade recebeu de sua madrasta a responsabilidade de assumir o papel de mãe de Clara. A jovem camponesa tornou-se professora e, de fato, é dedicada aos estudos: “O que é certo é que a sede de saber devorava Margarida. O hábito da meditação, que adquirira, permitia a sua inteligência tirar grandes riquezas da pequena mina em que trabalhava” (DINIS, 1994, p.56).

Margarida é reconhecida por todos da aldeia como uma jovem de muito valor, como uma pérola preciosa.

Observemos o que diz Obata (1986, p. 210), quando se refere à Margarida: do latim *Margarita*, significa pérola. O autor afirma ser um nome muito popular em alguns países. O simbolismo expresso pela pérola é, sem dúvidas, um elemento ímpar nesta análise.

A pérola é considerada um elemento raro, puro e precioso. É raro porque não é fácil encontrá-lo em seu ambiente natural; é puro porque é impecável, branco, retirado de uma água lamacenta ou de uma casca grosseira, que não altera a sua forma, e é precioso porque possui alto valor de compra. A pérola é considerada uma joia, algo muito valioso. Quando José das Dornas menciona “quilate”, em referência qualitativa à protagonista, ele a figura como alguém de inestimável valor (aqui, no caso, compondo a relação metafórica com o ouro): “Eu sei de que quilate é feito aquele coração” (DINIS, 1994, p.243), intensificando a configuração de preciosidade dada à personagem.

Sua configuração é visível nesta citação a respeito de santa Margarida:

Margarida é uma pedra preciosa branca, pequena e cheia de virtudes, assim como a bem-aventurada Margarida foi branca por sua virgindade, pequena por sua humildade, poderosa na realização de milagres. Dizem que essa pedra tem o poder de conter o sangue, moderar as paixões do coração e confortar o espírito. Do mesmo modo, a beata Margarida teve a virtude da constância contra a efusão de sangue em seu martírio; teve virtude contra as paixões do coração, isto é, contra a tentação do demônio, que foi vencido por ela; teve virtude para confortar o espírito por meio da doutrina com a qual fortaleceu o coração de muitas pessoas convertendo-as à fé em Cristo. (VARAZZE, 2003, p. 535)

Ainda sobre a pérola, Chevalier & Gueerbrant (1998, p. 711-712) esclarecem que é um símbolo ligado à água e à mulher, essencialmente ligado à feminilidade criativa. Esclarece ainda, que entre os gregos, era o emblema do amor, e com os cristãos e gnósticos, o simbolismo da pérola é enriquecido. Os autores destacam, ainda, que a pérola desempenha um papel místico, simbolizando a sublimação dos instintos, a espiritualização da matéria, a transfiguração dos elementos e também remete a outra definição – é um termo brilhante da evolução. A pérola carrega um atributo da perfeição angélica, a qual é adquirida por uma espécie de transmutação. Ela é considerada pura porque não apresenta defeitos e pelo fato de ser branca. Ainda segundo o **Dicionário de Símbolos**, ela representa o Reino dos Céus (Mateus, 13,45-46). Em sentido místico, ela representa a iluminação e o nascimento espiritual.

A imagem arquetípica da pérola, portanto, evoca a pureza. Essas características citadas refletem toda a essência virtuosa de Margarida. Se formos nos basear no significado apenas da pérola, já seria um ótimo argumento de que a relação entre o significado do nome e a imagem construída da personagem apresenta uma ligação íntima. Todo o simbolismo expresso pela pérola remete a elementos que se ligam, ao que podemos observar, quanto ao perfil da jovem pastora.

Através dos dados apresentados na análise podemos perceber o empenho criativo do escritor português, cuja protagonista é uma simpática figura de mulher que exala virtuosidade, assim como a pérola, ela é a própria imagem da mulher-anjo, concebida por Júlio Dinis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisadas as imagens em **As Pupilas do Senhor Reitor**, a partir da composição simbólica. Os símbolos emergiram do texto dinisiano, revelando uma unidade temática que reforça a trajetória da personagem Margarida: pérola, virtudes, revelando um empenho para ressaltar suas qualidades cristãs.

Ao adentrar no universo simbólico, mergulhamos no século XIX, tempo em que se passa o romance, revelando elementos que fizeram parte da vida do escritor português Júlio Dinis, lugares, pessoas e costumes, que eram registrados e vivificados nos personagens e enredos de suas narrativas.

Nossa busca fez emergir o empenho criativo do ficcionista, seu material literário revela uma bem entrelaçada trama, cujos elementos são reafirmados, uns pelos outros.

Dessa forma, o discurso do autor está pautado sob as virtudes cristãs, as quais revelam o arquétipo do Bem na jovem pupila do Senhor Reitor, Margarida.

De toda a simbologia investigada, a mais emblemática é a pérola, que em toda a sua concepção, mostrou-se a própria Margarida.

Para compreender o entrelaçar das imagens e símbolos, muito nos apoiamos nos trabalhos de Tresidder (2003), e Chevalier & Gueerbrant (1998), através dos quais, foi possível fazer uma análise e interpretação dos dados observados – um exercício da Hermenêutica do Símbolo.

Em suma, buscamos relacionar os elementos simbólicos com o perfil da personagem, cuja composição está pautada sobre o arquétipo cristão de Nossa Senhora, o mais emblemático modelo feminino de virtudes do Cristianismo.

Esperamos que este estudo possa servir como orientação para futuras pesquisas, pois, através delas, pode-se perceber como acontece o trabalho desempenhado por um escritor – uma longa e árdua jornada criativa.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Sobre o ensino (De magistro), os sete pecados capitais**. Luiz Jean Lauand. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2004 (Clássicos).
- BARRETO, M. E. **Imaginação simbólica**. São Paulo: Loyola, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2019.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico- etimológico da mitologia grega**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1991.
- BOYER, Régis. Arquétipos. In BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CARPEAUX, Otto Maria. Prosa e ficção do Romantismo. In GUINSBURG, J. **O Romantismo**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002 (Coleção Stylus) (p. 157-165)
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRAT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Vera da costa e Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.
- DINIS, Júlio. **As pupilas do senhor reitor**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico e religioso**. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: M. Fontes, 1991.
- GONÇALVES, Ana. Cânones Retóricos Cristãos e Pagãos: Prudência e as Batalhas entre vícios e virtudes na alma humana. In **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, Vol. 6, n.1, p. 5-19, 19 de junho de 2013.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Magda Lopes. São Paulo: Edusp, 1993.
- HOORNAERT, Eduardo. **Ecofeminismo e imaginário cristão**. Mandrágora, 2014, Disponível em:
<https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E211BR714G0&p=ecofeminis+mo+e+imagin%C3%A1rio+crist%C3%A3o&guc_consent_skip=1615231222>.
Acesso em: 08 de mar. 2021.
- JUNG, Carl G. **A vida simbólica**. Tradução de Aracelli Elman; Dr. Edgar Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras Completas, vol. XVIII/1)
- LEITE, Rosa Margarida Pinto. **A narrativa breve de Júlio Dinis**. Dissertação apresentada a Universidade de Aveiro (Para a obtenção do grau de Mestre em

Línguas, Literatura e Culturas), 2010. Disponível em: <<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3884/1/4386.pdf>>. Acesso em 27 de fev. 2021.

LINS, Osman. **Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e realidade social.** São Paulo: Ática, 1974. (Coleção Ensaios)

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** 35. Ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa.** 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

NASSER, M. Celina. **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

NUNES, Benedito. **A visão romântica.** 4. ed. São Paulo-SP: Perspectiva, 2002.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes.** 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **O amor-na visão filosófica, teológica e mística.** Celeste Magalhães Sousa. Petrópolis- RJ: Vozes, 1998.

SARAIVA, A. J. **História da Língua Portuguesa.** 9. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968, 180 p. (Coleção Saber).

SARAIVA, António; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa.** 11. ed. Corrigida e actualizada. Porto: 1979.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2004. (Série Debates)

TRESIDDER, Jack. **O grande livro dos símbolos.** Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: vidas de santos.** Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WUNENBURGER, Jean Jacques. **O imaginário.** Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2007.